

Elvira Pinho: professora, musicista e ativista, uma mulher além do seu tempo: do Império à República

Erbenia Maria Girão Ricarte¹ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Cidade, CE, Brasil.

Resumo

O tema que permeia a problemática do artigo aqui proposto é o da trajetória social, profissional e artística da professora Elvira Eugênia Correia Pinho (1860-1946). Trata-se de compreender como uma mulher sozinha conseguiu liderar e encabeçar lutas tão significativas no estado do Ceará, em dois períodos políticos distintos, Império e República, na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Sob um olhar historiográfico em pesquisa educacional o trabalho apresentado pretende investigar acerca da trajetória de atuação dessa personagem, pois consideramos de grande importância para o registro da história e da memória da educação cearense. Isso porque se trata de uma educadora, cuja atuação extrapolou os muros das escolas e das práticas educativas formais, já que participou de outras atividades culturais e sociais marcantes a época. Portanto, a pesquisa justifica-se pelo âmbito historiográfico, associa-se pela história de vida à hermenêutica, cuja periodização proposta é o período de 1886 a 1946 que compreende a atuação de Elvira Pinho na sua trajetória de aluna, professora, diretora e ativista, em locais não formais e formais de ensino. Com essa rápida investigação acreditamos ser possível identificar os diversos elementos que permeiam não apenas a trajetória de vida de Elvira Pinho, mas também do contexto da época.

Palavras-chave: Memória. História. Biografia. Educação.

Elvira Pinho: teacher, musician and activist, a woman beyond her time: from the Empire to the Republic

Abstract

The theme that permeates the issue of the article proposed here is the social, professional and artistic trajectory of teacher Elvira Eugênia Correia Pinho (1860-1946). It is about understanding how a single woman managed to lead and lead such significant struggles in the state of Ceará, in two distinct political periods, Empire and Republic, in the city of Fortaleza, capital of Ceará. Under a historiographical look in educational research, the work presented intends to investigate the trajectory of this character's performance, as we consider it of great importance to record the history and memory of education in Ceará. This is because she is an educator, whose performance went beyond the walls of schools and formal educational practices, as she participated in other cultural and social activities that were remarkable at the time. Therefore, the research is justified by the historiographical scope, it is associated by the history of life with hermeneutics, whose proposed periodization is the period from 1886 to 1946, which comprises the performance of Elvira Pinho in her trajectory as a

student, teacher, director and activist, in non-formal and formal educational settings. With this quick investigation, we believe it is possible to identify the different elements that permeate not only Elvira Pinho's life trajectory, but also the context of the time.

Keywords: Memory. History. Biographya. Education.

1 Introdução

2

O contexto social e político em que viveu Elvira Pinho foi muito significativa e decisivo para que ela tivesse uma atuação participativa e modificadora na História da educação, na história local e principalmente na história do envolvimento de mulheres nas lutas sociais e na questão do trabalho bem como na sociedade cearense do final do século XIV e início d século XX. Levando em consideração a máxima de Marc Bloch, que a história é a ciência dos homens no tempo, e que o passado e o presente entretecem ao longo da história, não podemos deixar de perceber que a vida da professora Elvira se entrelaça com a história cearense e nacional, não somente pela periodização do tempo como também pelas transformações no cenário local, nacional e internacional que foram grandes impulsionadores nas tomadas de decisão e de posicionamento da professora Elvira Pinho. Pensando nesse contexto, é que podemos lembrar a afirmação de Le Goff quando ele nos incita a pensar e reforçar a ideia de Marc Bloch que a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente resposta em causa. Daí a importância de trazer a tona histórias, biografias e pesquisas para entendermos o passado numa perspectiva de contínua construção da História.

Na busca pela história e trajetória da professora Elvira, percebemos a ausência da memória coletiva e também da ausência de manter viva a importância e o legado que a Elvira Pinho representou para nossa história, para a construção de uma educação inovadora como também da abrangência de sua vida artística, profissional e social tomou, mudando o percurso da história de muitos que passaram pela sua vida, pela dificuldade de se obter fontes. Podemos completar assim a linha de pensamento de Le Goff:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela denominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2013, p. 435).

3

As pesquisas biográficas, como é o caso aqui proposto, trata de entender o macro a partir do micro, por isso a importância de poder se embasar em autores que enriqueçam o entendimento do artigo proposto como forma de entendermos o contexto em que se encontrava Elvira Pinho quando de sua atuação educacional, social e artística. Nesse entendimento, Maria Helena Abrahão, nos convida a refletir acerca de Narrativas biográficas e autobiográficas com a seguinte colocação:

Em pesquisa, as narrativas (auto)biográficas constituem-se de relatos ou registros produzidos por solicitação do pesquisador, com a intencionalidade de (re)construir a memória, pessoal ou coletiva, contextualizando o narrado segundo o período sócio-histórico-cultural em que se inserem os fatos objeto de narração[...] (ABRAHÃO, 2010, pág.191).

Retomar o passado é buscar memórias e esse é o propósito da pesquisa histórica. O trabalho proposto será embasado nos relatos, nas fontes orais e nas raras fontes documentais sobre Elvira Pinho. Essa escassez de fontes nos remete um olhar do biografado com os outros, uma aproximação inquestionável e uma interpretação de fatos lineares. Nessa perspectiva, Paul Ricouer, destaca a presença dos próximos entre memória individual e a coletiva, capazes de dizerem aquilo que não foi possível se dizem em vida.

Com isso faz-se necessário esclarecer que a abordagem do trabalho, levará em consideração a atuação da professora em locais formais e não formais de ensino interagindo com o meio e com a realidade da época.

2 A relação da biografia com a hermenêutica: a cientificidade biográfica

Em Educação, a pesquisa biográfica desenvolve no biógrafo conhecimentos

sobre a pessoa em formação e sobre o biografado, amplia as relações com territórios e tempos de aprendizagem e de biografar resistências e pertencimentos.

Essa discussão, inexplorada e pouco disseminada da escrita biográfica e da aprendizagem, ganha força na França no final dos anos de 1970 com o movimento socioeducativo das *histórias de vida em formação* e se difundiu, na lusofonia, a partir do final da década de 80, como o livro organizado por António Nóvoa e Mathias Finger com a participação dos pioneiros nessa abordagem. O segundo momento do movimento é a *pesquisa biográfica*, que se dissemina em países anglo-saxões e na Alemanha. Focaremos a pesquisa na perspectiva do segundo movimento, não descartando a importância e as contribuições do primeiro para nosso trabalho.

Ao relacionar Biografia e Educação, Christine Delory-Momberger introduz os conceitos de biografização, fato biográfico, bioteca, biografemas, heterobiografia, criados a partir do bio-gráfico (escrita da vida) como construtos para a investigação no campo aberto pela pesquisa biográfica. Assim nos lembra Pierre Dominicé, que é necessário que essa formação biográfica possa tornar-se um dispositivo heurístico, de descobertas de sentido para a vida, para todos: “[...] o acesso à narrativa merece uma atenção pedagógica particular, para que seja mantido o princípio democrático da tarefa educativa”. Momberger (2008), toma como princípio, a tradição freireana, da leitura de mundo antes da palavra escrita, que a autora chama de hermenêutica prática: a ação de dar sentido. E, partindo do pensamento de Bourdieu, somos seres simbólicos, vivemos em espaços e tempos simbólicos, com todos os simbolismos presentes na nossa vida. Assim sendo, o ser humano precisa ler e interpretar o mundo o tempo todo.

Ainda na linha de raciocínio de Momberger (2008), essa “hermenêutica prática” ainda está em processo de aderência ao debate metodológico, ainda pouco usado na oposição científica e no procedimento reflexivo, e o biográfico como uma categoria da experiência que permite a integração, estruturação e interpretação das situações vividas pelos indivíduos. E assim ela nos aponta mais uma reflexão:

A narrativa do outro é um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica. Mas essa escrita precede qualquer vontade de deixar marcas, qualquer traço efetivo. [...] Há uma história da cultura (das culturas)

às quais pertencemos. Há uma história (uma historicidade) do narrar a vida, como há uma história (uma historicidade) do indivíduo, da consciência de si, do sujeito. As formas que toma a linguagem da narrativa em tal estado da sociedade, em tal relação do indivíduo com o político e o social, imprimem sua marca em nossas representações biográficas. Os escritos que fazem a narrativa da vida, em suas múltiplas formas (biografias, autobiografias, diários, correspondências, memórias etc.), constituem, desse modo, o material privilegiado para se ter acesso à forma como os homens de uma época, de uma cultura, de um grupo social, biografam sua vida (MOMBERGER, 2008, p. 22).

5

Buscando partilhar essas narrativas biográficas, esses sentimentos, emoções, o pensamento de um outro ser humano é que os filósofos do Iluminismo tentaram compreender e se apropriar dos fenômenos humanos e que não estavam satisfeitos com as explicações físico-causal das ciências naturais, é que o historiador e filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) atribuiu um papel central às narrativas biográficas. Nesse tipo de escrita se faz necessário a compreensão hermenêutica. Assim sendo, o hermeneuta se desloca no espaço e o biógrafo se desdobra no tempo e cada momento desse está ligado a um passado e a um futuro, resignificando a escrita. Neste momento fazemos uso da heterobiografia. O que Paul Ricoeur (2007) desenvolverá sob o tema da identidade narrativa está presente em Dilthey sob a figura de um eu hermeneuta, intérprete dele mesmo através do tempo. Concluindo assim que a unidade biográfica se constrói horizontalmente na relação com os outros e verticalmente na relação com tempo. E mais uma vez nos remetemos ao pensamento de Momberger:

De acordo com os próprios conhecimentos biográficos, com o meio cultural e com os próprios construtos do biógrafo é que se vai construindo o mundo da narrativa, da escrita dos outros, da biografização. E mais uma vez nos remetemos ao pensamento de Momberger para nos apropriarmos mais desses símbolos e dessa realidade narrativa:

No ato de sua recepção, a narrativa do outro é também escrita de si, pela e na relação com o outro. Para sublinhar o paralelo com a posição autobiográfica, entendida como escrita de si por si mesmo, propus chamar de heterobiografia a forma de escrita de si que praticamos quando nos confrontamos com a narrativa de outrem. (...) Em outras palavras, na narrativa do outro, eu me aposso prioritariamente dos biografemas (pessoais, sociais, históricos, culturais, imaginários) que podem ser integrados à minha própria construção biográfica, na medida em que respondem, aqui e agora, ao meu próprio mundo de vida (MOMBERGER, 2008, p. 63).

A escrita biográfica é de natureza hermenêutica, fazendo uso das fontes compartilhadas, que buscamos ou que nos dirigem. Essa compreensão que se vai desenvolvendo da narrativa de outros nos remete a uma inter-relação entre o biografado e o biógrafo. E, somente se reproduz o mundo do outro a partir de uma compreensão maior entre os próprios construtos do biógrafo, o que no começo do artigo nos remetemos a Paulo Freire para explicar essa relação entre o conhecimento de mundo e a escrita, o que já entendemos por construto na linguagem de narrativas de vidas.

Durante um longo período da história as biografias se estendiam aos heróis, pessoas notáveis, santos e sábios. A Academia deu um grande salto ao introduzir nas décadas de 1970 e 1980, trabalhos biográficos como meio de pesquisa e interesse nas experiências de vida de atores notáveis, excluídos ou anônimos nos contextos locais, nacionais e internacionais. E essa lógica do trabalho biográfico nos remete aos estudos do pesquisador Rui Martinho quando ele nos remete ao sentido das biografias:

Existem, todavia, diferentes tipos de biografias, exigindo o exame de uma tipologia do gênero. Personagens biografados inserem-se na sociedade em que viveram. Trazem as marcas do tempo vivido, dos desafios que enfrentaram. Ambiente físico e cultural, povoado por atores integrantes das relações estabelecidas com o protagonista da narrativa, forma um enredo. A trama biográfica tem um sentido metonímico. Busca-se conhecer o todo pela parte. O todo é a sociedade da época vivida pelo personagem central e pelos sujeitos que com ele formaram a urdidura apresentada pelo narrador, na qual se deu a interatividade entre o personagem e o ambiente físico e social. Eis o sentido e uma biografia que não se limita à singularidade da personagem estudada. Esta deve ser um ícone de uma época, de um conjunto de instituições sociais, como família, organização política ou costumes (MARTINHO, 2015, p. 57).

Dessa forma, o estudo aqui proposto foi um resgate a uma época em que a mulher era subserviente ao homem e que tinha que viver nos moldes da Igreja católica, sem participar da vida ativa e dos problemas sociais. Revisitando a história do Ceará e do Brasil, observamos que muitas mulheres não seguiram essa ordem exatamente e de uma certa forma marcaram seu tempo por fazer opções inversas ao que a sociedade da época disseminava. Dessa forma foi se dando voz e vez a

mulher. Aqui podemos classificar esse artigo como um trabalho de gênero e de campo de estudo humanístico. Acerca dessa temática específica, recorreremos mais uma vez as pesquisas de Rui Martinho:

[...] Temos estudos de vida de homens e de mulheres. As peculiaridades de gênero tornaram-se relevantes em face das transformações culturais. O dimorfismo de gênero foi um fenômeno universal. Hoje o padrão cultural aproxima as formas masculina e feminina nos usos e costumes (...). Os estudos metonímicos expondo experiências vividas, pode ajudar a compreender o significado e o alcance do ser masculino e feminino. O vivido em épocas cronologicamente distanciadas do nosso tempo pode contribuir para a compreensão hoje, do ser dos gêneros em outros momentos históricos e em outras sociedades. Biografias contemporâneas podem contribuir para o entendimento da contemporaneidade (MARTINHO, 2015, p. 59).

Partindo do ponto de vista da Biografia e Gênero feminino, podemos constatar que escrever sobre histórias de vida de mulheres é conhecer um mundo infinitamente forte, onde percebemos o poder de desbravar mundos opostos a tanta sensibilidade e ao mesmo tempo tão empoderador. A mulher vem ganhando espaço desde o século XIX em todas as esferas sociais E essa realidade nos lembra uma afirmação de Le Goff, de que “as mulheres não estão ausentes das fileiras eminentes da sociedade”, e, hoje mais do que nunca está presente desde a assumir cargos políticos a assumir um lar. Biografar mulheres é explorar a história, a mulher biografada passa a ser fonte histórica. Através de biografias, conhecemos melhor as sociedades e suas culturas.

4 Considerações finais

Em Educação, a pesquisa biográfica desenvolve no biógrafo conhecimentos sobre a pessoa em formação e sobre o biografado, amplia as relações com territórios e tempos de aprendizagem e de biografar resistências e pertencimentos.

Essa discussão, inexplorada e pouco disseminada da escrita biográfica e da aprendizagem, ganha força na França no final dos anos de 1970 com o movimento socioeducativo das *histórias de vida em formação* e se difundiu, na lusofonia, a partir do final da década de 80, como o livro organizado por António Nóvoa e Mathias

Finger om a participação dos pioneiros nessa abordagem. O segundo momento do movimento é a *pesquisa biográfica*, que se dissemina em países anglo-saxões e na Alemanha. Focaremos a pesquisa na perspectiva do segundo movimento, não descartando a importância e as contribuições do primeiro para nosso trabalho.

8

Ao relacionar Biografia e Educação, Christine Delory-Momberger introduz os conceitos de biografização, fato biográfico, bioteca, biografemas, heterobiografia, criados a partir do bio-gráfico (escrita da vida) como construtos para a investigação no campo aberto pela pesquisa biográfica. Assim nos lembra Pierre Dominicé, que é necessário que essa formação biográfica possa tornar-se um dispositivo heurístico, de descobertas de sentido para a vida, para todos: “[...] o acesso à narrativa merece uma atenção pedagógica particular, para que seja mantido o princípio democrático da tarefa educativa”. Delory-Momberger, toma como princípio, a tradição freireana, da leitura de mundo antes da palavra escrita, que a autora chama de hermenêutica prática: a ação de dar sentido. E, partindo do pensamento de Bourdieu, somos seres simbólicos, vivemos em espaços e tempos simbólicos, com todos os simbolismos presentes na nossa vida. Assim sendo, o ser humano precisa ler e interpretar o mundo o tempo todo.

Ainda na linha de raciocínio de Delory-Momberger, essa “hermenêutica prática” ainda está em processo de aderência ao debate metodológico, ainda pouco usado na oposição científica e no procedimento reflexivo, e o biográfico como uma categoria da experiência que permite a integração, estruturação e interpretação das situações vividas pelos indivíduos. E assim ela nos aponta mais uma reflexão:

A narrativa do outro é um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica. Mas essa escrita precede qualquer vontade de deixar marcas, qualquer traço efetivo. (...) Há uma história da cultura (das culturas) às quais pertencemos. Há uma história (uma historicidade) do narrar a vida, como há uma história (uma historicidade) do indivíduo, da consciência de si, do sujeito. As formas que toma a linguagem da narrativa em tal estado da sociedade, em tal relação do indivíduo com o político e o social, imprimem sua marca em nossas representações biográficas. Os escritos que fazem a narrativa da vida, em suas múltiplas formas (biografias, autobiografias, diários, correspondências, memórias etc.), constituem, desse modo, o material privilegiado para se ter acesso à forma como os homens de uma época, de uma cultura, de um grupo social, biografam sua vida. (MOMBERGER, 2008, p.22)

Buscando partilhar essas narrativas biográficas, esses sentimentos, emoções, o pensamento de um outro ser humano é que os filósofos do Iluminismo tentaram compreender e se apropriar dos fenômenos humanos e que não estavam satisfeitos com as explicações físico-causal das ciências naturais, é que o historiador e filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) atribuiu um papel central às narrativas biográficas. Nesse tipo de escrita se faz necessário a compreensão hermenêutica. Assim sendo, o hermeneuta se desloca no espaço e o biógrafo se desdobra no tempo e cada momento desse está ligado a um passado e a um futuro, resignificando a escrita. Neste momento fazemos uso da heterobiografia. O que Paul Ricoeur (2007) desenvolverá sob o tema da identidade narrativa está presente em Dilthey sob a figura de um eu hermeneuta, intérprete dele mesmo através do tempo. Concluindo assim que a unidade biográfica se constrói horizontalmente na relação com os outros e verticalmente na relação com tempo. E mais uma vez nos remetemos ao pensamento de Momberger (2008):

De acordo com os próprios conhecimentos biográficos, com o meio cultural e com os próprios construtos do biógrafo é que se vai construindo o mundo da narrativa, da escrita dos outros, da biografização. E mais uma vez nos remetemos ao pensamento de Momberger para nos apropriarmos mais desses símbolos e dessa realidade narrativa: No ato de sua recepção, a narrativa do outro é também escrita de si, pela e na relação com o outro. Para sublinhar o paralelo com a posição autobiográfica, entendida como escrita de si por si mesmo, propus chamar de heterobiografia a forma de escrita de si que praticamos quando nos confrontamos com a narrativa de outrem.[...] Em outras palavras, na narrativa do outro, eu me aposso prioritariamente dos biografemas (pessoais, sociais, históricos, culturais, imaginários) que podem ser integrados à minha própria construção biográfica, na medida em que respondem, aqui e agora, ao meu próprio mundo de vida (MOMBERGER, 2008, p. 59).

A escrita biográfica é de natureza hermenêutica, fazendo uso das fontes partilhadas, que buscamos ou que nos dirigem. Essa compreensão que se vai desenvolvendo da narrativa de outros nos remete a uma inter-relação entre o biografado e o biógrafo. E, somente se reproduz o mundo do outro a partir de uma compreensão maior entre os próprios construtos do biógrafo, o que no começo do artigo nos remetemos a Paulo Freire para explicar essa relação entre o

conhecimento de mundo e a escrita, o que já entendemos por construto na linguagem de narrativas de vidas.

Durante um longo período da história as biografias se estendiam aos heróis, pessoas notáveis, santos e sábios. A Academia deu um grande salto ao introduzir nas décadas de 1970 e 1980, trabalhos biográficos como meio de pesquisa e interesse nas experiências de vida de atores notáveis, excluídos ou anônimos nos contextos locais, nacionais e internacionais. E essa lógica do trabalho biográfico nos remete aos estudos do pesquisador Rui Martinho quando ele nos remete ao sentido das biografias:

Existem, todavia, diferentes tipos de biografias, exigindo o exame de uma tipologia do gênero. Personagens biografados inserem-se na sociedade em que viveram. Trazem as marcas do tempo vivido, dos desafios que enfrentaram. Ambiente físico e cultural, povoado por atores integrantes das relações estabelecidas com o protagonista da narrativa, forma um enredo. A trama biográfica tem um sentido metonímico. Busca-se conhecer o todo pela parte. O todo é a sociedade da época vivida pelo personagem central e pelos sujeitos que com ele formaram a urdidura apresentada pelo narrador, na qual se deu a interatividade entre o personagem e o ambiente físico e social. Eis o sentido e uma biografia que não se limita à singularidade da personagem estudada. Esta deve ser um ícone de uma época, de um conjunto de instituições sociais, como família, organização política ou costumes (MARTINHO, 2015, p. 57).

Dessa forma, o estudo aqui proposto foi um resgate a uma época em que a mulher era subserviente ao homem e que tinha que viver nos moldes da Igreja católica, sem participar da vida ativa e dos problemas sociais. Revisitando a história do Ceará e do Brasil, observamos que muitas mulheres não seguiram essa ordem exatamente e de uma certa forma marcaram seu tempo por fazer opções inversas ao que a sociedade da época disseminava. Dessa forma foi se dando voz e vez a mulher. Aqui podemos classificar esse artigo como um trabalho de gênero e de campo de estudo humanístico.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org). **(Auto)biografia e Formação Humana**. Rio Grande do Norte, EDUFRN, PAULUS, 2010, p.191.

ANDRADE, Francisco Ari, SILVA, Fernanda Maria Diniz, CHAVES, Flávio Muniz (Organizadores). **Mulheres e Histórias: sedução por saberes e ações.**

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador.** Tradução Armand Colin, França. Rio de Janeiro. ZAHAR. 1997. p.48.

CASTELO, Plácido Aderaldo. **História do Ensino no Ceará.** Coleção Instituto do Ceará. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial. 1970.

11

FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (Organizadores). **Biografia de Mulheres.** Fortaleza: EDUECE, 2015, p. 32.

GIRÃO, Raimundo. **A Abolição no Ceará.** A. Batista Fontenele. 1956.

GIRÃO, Raimundo. **Abolição no Ceará.** Fortaleza. Secretaria de Cultura do Ceará, 1969.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão. Campinas. UNICAMP, 2013, p. 43.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **História Administrativa e Econômica do Brasil.** Hélio de Alcântara Avellar. 2 edição. MEC. Brasília, 1976. Brasilia.jor.br.

MOMBERGER, D. Christine. **Biografia e Educação:** figuras do indivíduo-projeto. Rio Grande do Norte, EDUFRN, PAULUS, 2008, p. 22-63.

PORTAL DA HISTÓRIA DO CEARÁ. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=article&id=2194&catid=293&itemid=101>. Acesso em: 16 dez. 2016.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas. SP. UNICAMP. 2007, p. 181.

ⁱ Erbenia Maria Girão Ricarte, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9708-7418>

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Educação e Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Contribuição de autoria: única autora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8522657356977703>

E-mail: erbeniaricarte@hotmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

RICARTE, Erbênia Maria Girão. Elvira Pinho: professora, musicista e ativista, uma mulher além do seu tempo: do Império à República. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-12, 2021.